DOSSIÊ

JORNALISMO, GÊNERO E DISPUTA DE SENTIDOS: A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA NO DISCURSO DOS LEITORES

JOURNALISM, GENDER AND RACE OF SENSES: THE PRODUCTION OF IDENTITY AND DIFFERENCE IN THE DISCOURSE OF READERS

Pâmela Stocker[56]

Submissão: 31/07/2016 Revisão: 07/08/2016 Aceite: 01/09/2016

Resumo: O artigo pretende problematizar o aparecimento de um enunciado contra-hegemônico na grande mídia e a manifestação dos leitores sobre ele. O artigo centra-se na postagem da fanpage no Facebook da revista Galileu, relativa à edição de novembro de 2015, que abordou a temática da identidade de gênero. Por meio da análise de discurso, foram examinados 233 comentários, que deram origem a seis núcleos de sentido: religião, biologia, ciência, ideologia, preconceito e papel do jornalismo. Conclui-se que o discurso dos leitores opera na manutenção dos mapas culturais hegemônicos de significado.

Palavras chave: Jornalismo. Gênero. Discurso. Leitores.

Abstract: The article aims to discuss the emergence of a statement counterhegemonic in the media and the manifestation of the readers about it. The article focuses on the fanpage on Facebook posting of Galileu magazine for the edition of November 2015, on the theme of gender identity. Through discourse analysis, they were examined 233 comments, which led to six "units of meaning": religion, biology, science, ideology, prejudice and role of journalism. We conclude that the speech readers operate in the maintenance of hegemonic cultural maps of meaning.

Keywords: Journalism. Gender. Speech. Readers.

[56] Jornalista e Doutoranda no programa de pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Contato: pamelastocker@gmail.com.

O debate sobre gênero entra em cena

O ano de 2015 foi emblemático no que tange as discussões acerca das temáticas de gênero. O termo veio à tona durante a votação dos Planos municipais e estaduais de educação em todo o Brasil. Cercada por desinformação e polêmica, a votação dos planos acabou por suprimir, na grande maioria dos estados e municípios, toda e qualquer menção da palavra gênero dos documentos oficiais. Devido à pressão de grupos religiosos, a inserção de discussões sobre sexualidade e diversidade de orientação sexual e identidade de gênero ficou fora do planejamento oficial do currículo das escolas de pelo menos oito Estados e no Distrito Federal, pelos próximos 10 anos[57].

Somado a isso, o país vivenciou a chamada "primavera feminista"[58], movimento político que consistiu em uma série de protestos e mobilização contra o retrocesso em relação a direitos básicos das mulheres, após projetos de lei propostos pela bancada evangélica na câmara dos deputados[59]. Tendo a internet como alavancadora, campanhas como "Primeiro assédio" e "Meu amigo secreto", propostas por grupos feministas, tiveram grande repercussão nas redes sociais. A persistência da violência contra a mulher foi tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e pautas como a descriminalização do aborto, a pedofilia e a desigualdade de gênero ocuparam o centro nas discussões da esfera pública.

Nesse cenário, a revista Galileu anunciou, em outubro de 2015, a sua capa de novembro nas redes sociais. Além do novo projeto gráfico, a revista mensal trouxe como pauta a identidade de gênero. Com a chamada: "Gênero:

[57] Notícia disponível em http://goo.gl/yZu7C4. Acesso em fevereiro de 2016.
[58] Termo cunhado pela imprensa brasileira em 2015 para se referir a "onda" de protestos e manifestações feministas no país. O termo apareceu pela primeira vez em novembro de 2015 em reportagem da Revista Época, da editora Globo (http://goo.gl/L4BOZP), no editorial do jornal El País (http://goo.gl/eYIy1m) e em colunas de opinião de diversos outros veículos. Acesso em fevereiro de 2016.
[59] Como exemplo pode-se citar o Projeto de Lei 5069/13, de autoria de Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que estabelece penas específicas para quem induzir ou orientar gestantes ao aborto: http://goo.gl/SNImuS. Acesso em fevereiro de 2016.

tudo que você sabe está errado. Entenda o que é, afinal, a identidade de gênero e descubra como o debate sobre o tema é importante para acabar com o preconceito", a postagem na fanpage do Facebook recebeu 1,8 mil comentários e mais de 5 mil compartilhamentos. Além de manifestações elogiosas, muitos leitores se posicionaram contra a abordagem da temática pela revista.

Compreendendo o jornalismo como um gênero discursivo particular (Benetti, 2008), que tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um consenso (Hall et. al, 1993), este artigo pretende analisar o aparecimento de um enunciado contra-hegemônico (matéria de capa da revista Galileu sobre Identidade de Gênero), que rompe a lógica e a regularidade na produção de sentidos consensuais pelo jornalismo. O aparecimento desse enunciado como acontecimento singular rompe a Ordem do discurso (Foucault, 1971) e abre brechas para novos mapas culturais de significado (Hall et al, 1999). Por meio da Análise de Discurso (AD), procura-se mapear os principais núcleos de sentido e identificar as interdições e rejeições que se manifestam a partir da vontade de verdade presente nos comentários dos leitores. Por fim, procura-se refletir sobre como opera a produção da identidade e da diferença nesse contexto.

Gênero, discurso e poder

A linguagem usada no cotidiano não serve apenas para transmitir e expressar relações de poder, mas também auxilia e colabora em sua produção e instituição. Nessa direção, importa compreender o poder não como uma entidade estável garantida por um polo, mas sim como uma rede de relações em atividade constante. Ele é exercido pelos sujeitos e tem efeitos sobre suas ações.

A atribuição de determinados papéis sociais e de gênero a homens e mulheres é instituída socialmente por meio de disposições e práticas acionadas historicamente. Essas identidades são voláteis e construídas com o auxílio da

linguagem, fazendo com que os sujeitos se construam como masculinos e femininos.

> Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (Louro, 2003, p.41).

O conceito de gênero surge na década de 60 a fim de enfatizar o caráter social e histórico das relações e diferenciar os processos que constituem os indivíduos enquanto homens e mulheres, até então naturalizados e explicados somente pela biologia. Mais do que uma simples categoria analítica, o conceito procura demarcar que as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da história não resultavam de um ato único, e sim de uma série de ações e construções sociais. Para Grossi (1998) o papel de gênero diz respeito à construção social, e vai depender da ideologia de cada lugar e época para concretizar-se. Já a noção de identidade de gênero é individual, construída com base na vivência de cada sujeito em determinada sociedade.

A codificação de gênero se expressa na organização social por meio de diferentes instâncias de poder, mesmo que nem sempre de forma explícita. "As estruturas hierárquicas dependem de compreensões generalizadas das, assim chamadas, relações naturais entre homem e mulher" (Scott, 1995, p.91). A linguagem é um dos caminhos que permite compreender como os gêneros são dotados de sentido e os desdobramentos disso nas relações de poder e saber. As naturalizações acerca de sexo, gênero e sexualidade e os modos como esses marcadores sociais se estabeleceram nas convenções sociais podem ser desconstruídas ao resgatarmos os modos como estas construções foram operadas na cultura, por meio de discursos que orientamos padrões e normas sociais vigentes (Veiga da Silva, 2014).

Os discursos de autoridade, como da ciência, da igreja, da moral e da lei identificam, classificam, dividem, regram e disciplinarizam as formas de ser e estar no mundo. Mais do que isso, os conhecimentos sobre gênero e sexualidade são dimensões tidas como essenciais, seguras e universais, que "não podem/ não devem ser afetadas ou alteradas" (Louro, 2004, p. 23). Cabe lembrar que outros marcadores como classe e raça também estão articulados à regimes políticos de poder e saber formulados no âmbito do pensamento dominante, subordinados às normas sociais hegemônicas até hoje tomadas como "naturais". Nessa direção, o estudo do gênero como categoria de análise propicia uma reflexão "sobre os modos como as convenções sociais sobre o masculino e o feminino são produzidas, associadas a distintas formas de relações de poder e os modos como estas convenções produzem hierarquias e desigualdades" (Veiga da Silva, 2014, p. 480). Até mesmo as convenções de gênero e sexualidade, como a premissa que institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade, foram produzidas discursivamente pela cultura e são regidas por normas comportamentais ocidentais, ainda que sejam vistas como "verdades" incontestáveis para o senso comum.

Jornalismo como acontecimento

De acordo com o paradigma Construtivista, o jornalismo, como instituição social, cumpre o papel de produzir "uma reconstrução discursiva do mundo" (Franciscato, 2005, p. 167). Desta forma, opera produzindo e reproduzindo conhecimentos sobre os fatos valendo-se daquilo que Hall et al. (1999) chamam de "mapas culturais de significado". Por meio destes mapas, o jornalismo estabelece consensos e parâmetros sociais: "ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado" (Benetti, 2007, p. 110).

Compreendendo o jornalismo como um gênero discursivo particular (Benetti, 2008), é possível caracterizá-lo, por si mesmo, como um acontecimento (Benetti, 2010). Com base nas reflexões de Pêcheux e Foucault interpostas à problematizações derivadas das teorias do jornalismo, Benetti (2010, p. 154) propõe assim considerá-lo especialmente em três situações: "1) ao tratar de fenômenos capazes de gerar a sensação de experiência compartilhada; 2) ao organizar a experiência temporal do homem contemporâneo; 3) ao produzir supostos consensos". O interesse deste artigo recai especialmente no terceiro item, por considerar que a força do discurso jornalístico reside na definição do sistema de valores hegemônicos da sociedade num determinado momento histórico, assumindo e ajudando a construir os valores de consenso. Por meio da repetição de determinados conceitos, o jornalismo institui um mundo socialmente legítimo.

Pensando o jornalismo dentro de um quadro amplo e problemático proposto pela autora, que pressupõe contemplar a repercussão do jornalismo sobre os indivíduos, grupos e valores hegemônicos da sociedade, o que se sugere aqui é que a ruptura desses valores de consenso criados e cultivados pelo jornalismo por meio do próprio jornalismo, pode ser também interpretada como acontecimento. A quebra da reprodução sistemática de temas e a brecha aberta para a construção de novos enfoques e sentidos também confere ao jornalismo esse lugar, investindo-o de um caráter experiencial, dado pelo compartilhamento do momento histórico. Ao trazer à tona novas "verdades", como faz a revista Galileu em relação às definições sobre identidade de gênero, por exemplo, considera-se que o jornalismo esta se apropriando de um novo índice do presente, possibilitando que irrompa e circule gradativamente na esfera social. Desta forma, confere positividade a esse saber e configura-se como documento que determina o aparecimento deste enunciado (Foucault, 1968), além de possibilitar condições de produção para novos discursos.

Análise de discurso e a interação texto-leitor

Para que algo possa ser dito em determinado momento da história, é preciso que estejam dadas as condições para sua aparição, existência e circulação. Em outras palavras, segundo Foucault (1971), as possibilidades do discurso são reguladas e regulamentadas por uma "ordem do discurso", onde cada enunciado é entendido como um bem que tem regras de aparecimento, condições de apropriação e de utilização.

A abordagem da temática da identidade de gênero como matéria de capa de uma revista de grande circulação como a Galileu acontece nesse momento histórico porque estavam dadas as possibilidades de aparição e circulação desse discurso. O cenário e o contexto mencionados na abertura deste artigo fizeram com que este e outros enunciados relacionados encontrassem condições para irromper. Nessa direção, vale relembrar que em fevereiro de 2015 a revista Nova Escola, da editora Abril, abordou em matéria de capa a educação sexual e preconceito em relação às normas de papéis masculinos e femininos ao trazer a história do menino britânico Romeo, que foi afastado de sua escola por não vestir roupas "de acordo com o seu gênero". Com a fotografia do menino vestindo roupas e coroa de princesa na capa, a publicação já havia provocado discussões e polêmica no ambiente das redes sociais a respeito da temática. Mais tarde, em agosto, o programa Fantástico, da rede Globo, veiculou uma reportagem sobre uma criança transexual proibida de usar o banheiro na escola, nos EUA. A veiculação da reportagem também despertou a manifestação dos telespectadores. Mesmo trazendo à tona situações vividas fora do Brasil, as brechas abertas para abordar a temática de gênero na grande mídia colocaram em circulação estes enunciados, dando condições para que novos mapas de significado encontrassem brechas para surgir em outros meios e veículos.

O conjunto destas irrupções, a regularidade desses acontecimentos discursivos e destes enunciados que "falam a mesma coisa", revelam uma

positividade, que desempenha o papel do que Foucault (2007, p. 146) chamaria de *a priori* histórico, uma combinação de regras que caracterizam uma prática discursiva em determinado espaço-tempo.

Analisando as redes de relações entre o discurso e outros domínios (acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos, instituições), Foucault desenvolveu o método arqueológico. A análise histórica empreendida por ele se faz pela busca de documentos – o arquivo – considerados "jogos de regras que determinam numa cultura o aparecimento e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e sua extinção, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas" (Foucault, 2007, p. 146). Foucault assume essas brechas e as descontinuidades, buscando o emaranhado de fatos discursivos anteriores a um acontecimento, acreditando que estes o explicam e determinam. Assim, "uma época" pode ser entendida como "um emaranhado de continuidades e descontinuidades, de formações discursivas que aparecem e desaparecem" (Gregolin, 2004, p. 77). Nessa direção, considera-se que capturar uma dessas irrupções de enunciados contra hegemônicos, detendo-se na manifestação dos leitores sobre eles, possa ser produtivo para pensar a produção da identidade e da diferença que se dá nessa relação e neste contato dos leitores com os novos mapas de significado nesse momento histórico particular.

A Análise de Discurso (AD) como método centra-se nos modos de funcionamento do discurso para compreender o movimento de instauração de sentidos como objeto histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais (Benetti, 2007). Dito de outro modo, "procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história" (Orlandi, 2007, p.15). Assume-se, assim, que a língua, a cultura, a ideologia e o imaginário afetam o sistema de significação de cada indivíduo: "os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de inter-

ação texto/leitor" (Mariani, 1999, p. 106). É a relação entre linguagem e exterioridade que constitui o discurso e, por isso, torna-se necessário visualizar a estrutura do texto e considerar o contexto da produção de sentidos.

O jornalismo na web e a atual configuração que abre espaço para a manifestação dos leitores via comentários mostra-se profícuo para a observação e análise dessa inter-ação entre texto e leitor. Nesse contexto, a intersubjetividade exige compreender o discurso como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais, sendo impossível analisá-lo sem considerar o contexto de produção de sentidos. Tanto o dizer como o interpretar são afetados por sistemas de significação e por isso o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade em um processo de contínua e mútua interferência (Benetti, 2007). O próprio dialogismo inerente à linguagem permite pensar também na relação entre sujeitos e sua intersubjetividade. Dessa forma, pode-se afirmar que tanto o enunciador (jornalismo) quanto o sujeito que lê produzem o discurso jornalístico, sendo este pleno de possibilidades de interpretação.

Modos de controle do discurso

Em A ordem do discurso (1971), Foucault teorizou as relações entre discurso e poder, o que o fez imergir nas discussões sobre os sistemas gerais de controle desenvolvidos pela sociedade ocidental (Gregolin, 2004). Para Foucault, devido ao temor que a civilização tem em relação ao discurso, criaram-se sistemas de controle, instituídos de forma a dominar a sua proliferação e "apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua" (Foucault, 2011, p. 50). Por ser uma prática exercida por pessoas imersas em relações de poder, o discurso vai sendo regulado e se moldando por meio de mecanismos discursivos, que tem por função controlar, selecionar e organizar a sua produção. O autor elenca três modos de controle: a exclusão, a sujeição e a rarefação, e divide estes princípios de controle em procedimentos

internos e externos. Como o interesse deste estudo é observar os comentários de leitores a respeito dos enunciados contra-hegemônicos colocados em circulação pelo jornalismo, o interesse recai nos procedimentos externos de controle do discurso, que são a interdição, a segregação e a vontade de verdade.

A interdição é o modo mais comum e familiar de exclusão do discurso, que revela a sua ligação com o poder: "sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (Foucault, 2011, p. 9). Decorre das interdições que em uma sociedade algumas pessoas e instituições estejam autorizadas e possuam legitimidade para falar em determinados campos discursivos e outras não. Foucault cita a sexualidade e a política como áreas onde é possível enxergar com clareza os efeitos das interdições e suas ligações com o desejo e o poder.

O segundo modo de controle do discurso elencado por Foucault é a segregação (ou rejeição) que determina o silêncio pela separação entre o normal e o patológico, entre a razão e a desrazão, o certo e o errado. Esse mecanismo se constrói no terreno da legitimidade, e o autor exemplifica seus efeitos pela oposição entre razão e loucura e todo o aparato de saber e redes de instituições imbricadas nesse processo.

Destes dois procedimentos, deriva o terceiro sistema de exclusão, chamado pelo autor de vontade de verdade. Um sistema de exclusão histórico e institucionalmente constrangedor desenha-se quando percebemos que a oposição entre o verdadeiro e o falso não é arbitrária e nem modificável. Na perspectiva de Foucault, a verdade apresenta-se como uma configuração histórica, pois "não há uma verdade, mas vontades de verdade que se transformam de acordo com as contingências históricas" (Gregolin, 2004, p. 98). Esse modo de controle tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão ou poder de coerção, principalmente por estar apoiada em um suporte e distribuição institucional. O modo como o saber é aplicado em

uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certo modo, atribuído, reforça e reconduz o sistema de produção de verdades. A vontade de verdade é o mais fundamental dos três sistemas de exclusão que atingem o discurso, porque atravessa os dois primeiros.

Benetti (2010) relembra que a oposição entre o verdadeiro e o falso acaba por estabelecer as regras de interdição e segregação de certos discursos: "se digo uma 'verdade' fora das regras que definem o 'verdadeiro' minha enunciação é deslegitimada e invalidada, pois a exterioridade de meu discurso (o que o conforma) não o reconhece" (Benetti, 2010, p. 152). Assim, para descrever e analisar os modos como a "verdade" vem sendo historicamente produzida e compreender a função de controle exercida sobre os discursos, é preciso atentar a função de "polícia discursiva" (Gregolin, 2004). É preciso olhar para os comentários dos leitores sabendo que estão sujeitos à vontade de verdade e à vontade de saber de determinado momento sócio-histórico. Mais do que isso, importa considerar o paradigma positivo do campo jornalístico hegemônico, tomado como sinônimo de "normalidade social" e habitualmente condutor das ideias de verdade e de saber. Nessa direção, o discurso dos leitores em relação à reportagem da revista Galileu, que se propõe a trazer uma nova "verdade", que está além do senso comum e daquilo comumente tomado como verdadeiro pela grande mídia, interdita e segrega o discurso da publicação, não o reconhecendo como válido. Percebe-se que, quando ocorre uma "quebra" na continuidade e regularidade do discurso jornalístico, os leitores manifestam discursivamente a sua discordância, acionando a dicotomia entre o verdadeiro e o falso para anular as enunciações jornalísticas que não se enquadram nessa rede de valores, como mostra-se a seguir.

Revista Galileu, identidade de gênero e manifestação dos leitores

Com cerca de 80 mil assinantes, a revista Galileu da editora Globo possui mais de um milhão de curtidas em sua fanpage no Facebook e 12.760.000

pageviews por mês em seu site[60]. Segundo a página da editora, "GALILEU seleciona e traduz as mais inovadoras e relevantes ideias nos campos do comportamento, da ciência e da tecnologia[61]".

Em outubro de 2015 a revista anunciou em sua fanpage do Facebook (Figura 1) a estreia do novo projeto gráfico e a capa abordando a temática da identidade de gênero:

> Para estampar a capa desta edição tão emblemática, abordamos um assunto que ainda é tabu na sociedade brasileira - a identidade de gênero. Por que tanto preconceito e desinformação continuam rondando o tema? Isso e muito mais você encontra na #novaGALILEU. Daqui para a frente, nossa missão é usar a ciência para explicar o mundo e, acima de tudo, para te ajudar a mudá-lo.

A postagem gerou mais de 5 mil compartilhamentos e 1,8 mil comentários de leitores, contendo elogios, críticas e desaprovação pela escolha e abordagem do tema. Desta mostra total de comentários, foram excluídos aqueles em que constavam apenas marcações de pessoas, *emoticons* ou *links* para vídeos ou imagens. Essa primeira triagem resultou no *corpus* consolidado de 693 comentários. Destes, 344 manifestavam-se favoravelmente em relação à publicação e 349 mostravam-se contrários.

Dentre os 344 comentários elogiosos, foram contabilizadas mensagens parabenizando a revista pela iniciativa e coragem de abordar a temática, elogios em relação à nova identidade visual e à capa, leitores afirmando que irão comprar, guardar e presentear alguém com a publicação. Além disso, um grande número de gírias elogiosas foram registradas, como "lacrou", "arrasou", "sambou", "mitou", "vraaaa" etc.

Em relação aos 349 comentários negativos, os leitores demonstraram descontentamento referindo-se à revista e sua capa como "lixo", "nojenta", "aberração", "viadagem", "vergonha" e "piada". Alguns comentaristas

[60] Informações disponíveis em: http://goo.gl/439wa4. Acesso em fevereiro de 2016.
[61] Informações disponíveis em: http://goo.gl/FXXAJW. Acesso em fevereiro de 2016.

afirmaram a intenção de descurtir a página e cancelar a assinatura da revista. Registraram-se ainda comentários que justificaram sua discordância em argumentos religiosos (27), ideológicos (31), biológicos (52), questionando a cientificidade da publicação ou da temática (37), evocando preconceitos sexuais e de gênero (41), questionando o papel do jornalismo (46) ou tensionando e relativizando a abordagem (18).

Para realizar a análise dos sentidos, uma segunda triagem foi feita, priorizando os comentários que continham argumentos e/ou teceram considerações sobre a temática da revista e sua abordagem. Foram excluídos os comentários superficiais de apoio ou contrariedade (apenas uma expressão elogiosa ou contrária, como "amei!" ou "lixo", por exemplo). Essa triagem final resultou em 233 comentários[62], que foram analisados e deram origem a seis núcleos de sentido, localizados a partir do mapeamento das sequências discursivas (SDs) mais significativas. Após esse mapeamento, procurou-se observar os princípios de controle (Foucault, 1971) presentes no discurso dos leitores. Os núcleos de sentido serão apresentados a seguir:

Religião

Esse núcleo de sentido reúne 27 comentários que apelam para questões religiosas a fim de deslegitimar a temática abordada pela revista (18 recorrências) ou para responder esses comentários, defendendo-a (9). Palavras como "bíblia", "igreja", "inferno", "pecado", "crença" e "Deus" aparecem para reiterar esse sentido, como se pode observar nas sequências discursivas (SDs) a seguir:

> [SD660]: A Galileu se auto-intitulando a dona da verdade a respeito do assunto, pois **saiba que eu fico com a criação de Deus: ADÃO E EVA** !!!!

[62] Os comentários de leitores foram reproduzidos na íntegra e sem modificações, por isso contém eventuais erros de digitação/gramaticais. As passagens em negrito foram destacadas pela autora.

> [SD662]: Quem é a Galileu pra definir pra mim o que é certo e errado??? Partindo do pressuposto de que as pessoas podem escolher a sua identidade de gênero, me coloco então no direito de escolher no que eu quero acreditar, o que eu acho que é certo. **Eu fico com os ensinamentos milenares da Bíblia**, afinal sou livre pra escolher. Não preciso de vcs para formarem o minha opinião tampouco para me doutrinarem. Descurtindo a página.
>
> [SD665] Para que chingar , querem respeito e não respeitam **Deus criou o mundo , o homem e a mulher , vocês não sabem nem fazer uma formiga e querem criar mais alguns tipo de criatura humana** ???
>
> [SD680] **Deus fez Adão e Eva, não Adão e Ivo.**

Parte destas percepções podem ser atribuídas à regulação historicamente constituída de um cenário religioso refratário à manifestações de identidade de gênero e sexualidades que escapam à heteronormatividade[63]. Documentos oficiais advindos da igreja católica nos últimos anos, por exemplo, referem-se às identidades de gênero não normativas e às práticas homossexuais como "sinais de anomalia" e "fenômenos morais e socialmente preocupantes", que a igreja teria o dever social de combater, por afetarem a família cristã (Natividade & Oliveira, 2007, p 263).

Essa regulação se mantém de maneira bastante ilustrativa na contemporaneidade considerando-se a presença da bancada religiosa na câmara dos deputados e a presença de religiosos no espaço da política de forma mais ampla. Formada por bispos, pastores e parlamentares leigos alinhados a dogmas religiosos, a bancada evangélica no Congresso elegeu um número recorde de 78 representantes nas últimas eleições. O Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap)[64] identificou 75 deputados e três senadores evangélicos. Eles superam, inclusive, a bancada feminina da Câmara, que conta

[63] "Ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida" (Miskolci, 2015, p. 15).

[64] Dados retirados da notícia "Bancada evangélica ganha força inédita no congresso, publicada no jornal ZH em 23 de fevereiro de 2015. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/02/bancada-evangelica-ganha-forca-inedita-no-congresso-4704350.html> . Acesso em julho de 2016.

com 51 integrantes. Entre as prioridades do grupo religioso estão a limitação a reivindicações do movimento gay e o combate à flexibilização das leis sobre drogas e aborto.

Com proposição de projetos de lei que impõem retrocessos ou interditam avanços para as mulheres e LGBTs, a presença deste grupo conservador no campo político - espaço de poder capaz de regular as leis que regem a sociedade – faz notar claramente a ligação do discurso religioso com o desejo e o poder. As interdições de ordem religiosa traduzem um sistema de dominação, mas também a luta por esse objeto de desejo que é o discurso e a verdade religiosa imutável que nele está contida.

Ciência

Os sentidos agrupados neste núcleo advêm de 37 comentários que se utilizam do argumento de cientificidade, tanto para questionar (28) quanto para legitimar (9) o posicionamento da revista. As manifestações contrárias questionam o caráter científico da publicação ou desqualificam a ciência que estuda gênero como algo menor e sem validade; os comentários elogiosos que aludem a ciência em sentido oposto, legitimam a discussão sobre a temática e a própria revista pelo mesmo viés.

> *[SD543]: O Brasil é irrelevante no mundo e* ***não tem um Prêmio Nobel*** *sequer não é à toa.* ***Olha o nível das revistas de "ciência"****...*
>
> *[SD547]: Mas que LIXO!* ***Uma revista que deveria ser de ciência e cultura expondo um tema que vai na contramão de todas as pesquisas e evidências científicas e que não possui status sequer de hipótese****!*
>
> *[SD548]:* ***Gostava da Galileu quando retratava a ciência e não se curvava aos caprichos da modinha social*** *e à editores gays sem afirmação pessoal que anseiam pela aprovação social. Galileu* ***passou de revista científica à tablóide de 5º*** *só falta noticiar festas com pitd daquela madame.*

> *[SD546]: É isso aí, galerinha:* ***não é "ideologia", é CIÊNCIA. Ótima matéria de capa pra uma revista de divulgação científica****! Parabéns, Galileu! Show de bola! #ScienceBitch*

Considerando a ciência como uma forma de conhecimento que busca a verdade (da Silva, 2010), pode-se afirmar que os comentários, tanto contrários à publicação, quanto aqueles a favor, não realizam uma reflexão contextualizada e não levam em conta algumas implicações naturais ao conhecimento científico. Os leitores parecem não considerar que a ciência é produzida em uma época determinada e que o cientista (suas concepções de mundo e as teorias científicas que daí resulta) e a sociedade (os homens e suas relações humanas e sociais) são permeados por subjetividades.

Como princípio de controle presente nos comentários que se posicionaram de forma contrária à abordagem da revista, questionando seu caráter científico, identifica-se a vontade de verdade (Foucault, 1971) como um sistema de exclusão que se apoia sobre um suporte institucional: "a ciência é uma forma de domínio, de apropriação. Este domínio, quando justificado, isto é, quando válido epistêmica e socialmente, expressa poder que se pretende verdadeiro" (da Silva, 2010, p. 50). O modo como o saber científico é aplicado, valorizado e distribuído na sociedade legitima historicamente a ciência como modo de conhecimento e produção de verdades, o que torna possível identificar nos comentários de leitores o desejo de tornar fixo e eterno aquilo que está em permanente mudança.

Ideologia

Esse núcleo de sentido agrupa 31 comentários que classificam a abordagem da revista como "ideológica", denotando sentido negativo a escolha da temática e associando a revista e o tema ao governo, à correntes de pensamento ou posicionamento político de esquerda. As sequências discursivas contêm expressões como "doutrinação marxista", "marxismo cultural",

"agenda marxista", "ideologia de gênero", "propaganda ideológica" e menções ao comunismo e a um "modismo" social.

> *[SD582] Que lixo!* ***Revista puramente ideológica e vendida às agenda marxista****! Bando de pseudo-intelectuais ávidos por destruir as famílias e a sociedade!*
>
> *[SD583]: A vá achei que essa revista era científica vem* ***vcs pregar marxismo cultural****, a sociedade não tem preconceito nem é desinformada por isso não aceita essa farsa de ideologia de gênero homem é homem e mulher é mulher e vcs tbm sabem disso. Vcs querem um pais cheio de puta,pedófilos,viado e ladrão* ***apenas mais uma revistinha cheia de comunistas disfarçados de boa gente*** *va se fu.*
>
> *[SD584]Novidades na Galileu:* ***ESQUERDISMO cancerígeno*** *desde o primeiro PIXEL da capa até o último centavo de* ***patrocínio governamental.***
>
> *[SD591]As pessoas acharem que esse tipo de assunto merece visibilidade é o que me faz ter medo do futuro desse mundo... Imagina só como as coisas vão ser?? Aliás, não entra na cabeça pq esse tema começou a ser abordado em primeiro lugar!* ***Eu espero realmente que essa propaganda ideológica sem embasamento nenhum nao passe de um modismo,*** *se não, só resta deixar o futuro chegar mesmo para as pessoas perceberem a merda que elas estão fazendo com o mundo...*

É possível identificar nos comentários que aludem à ideologia para desqualificar o discurso da revista, a dicotomia entre o verdadeiro e o falso como modo de controle do discurso (Foucault, 1971), excluindo a enunciação como inválida. As discussões sobre gênero, sexualidade e identidade de gênero comumente são enquadradas como invenções ideológicas, ou desqualificadas como um ideário sem ancoragem na realidade. Em resposta a afirmações como essa e a fim de desmistificar esses argumentos, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) publicou um manifesto[65], assinado por 113 pesquisadores e grupos de estudos. Segundo eles, ao contrário de "ideologias" ou "doutrinas" sustentadas pela fundamentação de crenças ou fé, o conceito de gênero está baseado em parâmetros científicos de produção de saberes sobre o mundo:

[65] Disponível em: http://goo.gl/ebKRhs. Acesso em julho de 2016.

"Gênero, enquanto um conceito, identifica processos históricos e culturais que classificam e posicionam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder". Os pesquisadores destacam ainda a produtividade do conceito para identificar mecanismos de reprodução de desigualdades em diferentes contextos, visto que, como se pode detectar nos comentários acima, muitos acham que uma sociedade ameaçada moralmente necessita de um renascimento dos valores tradicionais: a abordagem da temática pela revista poderia "destruir as famílias e a sociedade [SD582], encher o país de putas, pedófilos, viado (sic) e ladrão [SD583] e provocar medo do futuro desse mundo [SD591].

Biologia

Esse grupo reúne 52 comentários que reiteraram sentidos ligados à biologia para desqualificar o tema abordado pela publicação, trazendo a tona sentidos de naturalidade e normalidade, além de fazerem alusão aos cromossomos e à genética. Os comentários demarcam ainda o caráter imutável do binário de sexo-gênero e da heteronormatividade.

> *[SD619]: Kkkkkk nos vemos nas bancas, minha cara de quem vai compra essa piada, aceitem a forma como vieram ao mundo e parem de festa,* ***nasceu com pênis é homem, nasceu com vagina e mulher, simples assim!!*** *Até pq né aparelho excretor não reproduz*
>
> *[SD609]:Quer dizer que eu tenho que aceitar e achar isso lindo pra não ser taxado de preconceituoso?* ***Quer dizer que é natural ir contra a biologia?*** *Qual a necessidade de se gritar isso aos quatro ventos? Na boa, o que cada um faz com seu corpo é problema seu mas* ***não me obriguem a aceitar e achar normal uma bizarrice dessas!*** *Meu medo é daqui poucos anos isso ser considerado normal, nessas horas que começo a acreditar no fim do mundo!*
>
> *[SD612]: Mas* ***a natureza já se encarregou de me dizer o que é homem, o que é mulher****. Não serão mentes doentias e frustradas que irão me fazer pensar o contrário.*

> *[SD621]: Quem são vcs pra saber se meu conceito de gênero esta errado?! Querem empurrar goela abaixo essa ideologia monstruosa, essa a nojeira ae?* ***só existe XX e XY o resto é resto e ainda assim... esse resto nasceu XX e XY***

Butler (2012) enfatiza que temos uma tendência em considerar natural o que é feminino e o que é masculino dentro de uma ordem biológica incontestável. Esse contexto é resultado de construções sociais e culturais de ampla complexidade, regidas por regras e símbolos meticulosos que associam a categoria sexo com a categoria gênero, tendo como absoluto e inquestionável o binômio masculino/feminino. Os comentários de leitores que recorrem a argumentos biológicos exercem neste caso a função de "polícia discursiva" (Gregolin, 2004), uma espécie de controle exercido no que tange a produção de verdades. Essa vontade de verdade exerce sobre os discursos um poder de coerção e pressão em relação à manutenção de determinadas verdades que continuam sendo reforçadas e se tornam cada vez mais profundas e mais incontornáveis.

É possível verificar ainda em muitos dos comentários a articulação entre percepções biológicas e medos coletivos (Miskolci, 2007) desencadeados pelas transformações culturais ligadas ao reconhecimento e à visibilidade das novas configurações e vivências de gênero e sexualidade na atualidade. Acreditar nessas novas verdades e na instauração de sua normalidade chega a ser associada ao "fim do mundo" [SD609]. A reação social a um fenômeno considerado perigoso surge do temor de que ele ameace posições, interesses, ideologias e valores, configurando uma suposta ameaça à ordem social e ao consenso, partilhado por um número substancial de membros de uma sociedade.

Preconceito e intolerância

Esse núcleo de sentido reúne 41 comentários que se baseiam no preconceito em relação a gênero ou sexualidade para criticar a abordagem da revista (12) e comentários de pessoas que identificaram o preconceito nos

comentários de outras pessoas para reiterar a necessidade da discussão a respeito da temática e elogiar a revista (28).

> *[SD197]: No dia em que minha mulher ou minhas filhas entrarem num banheiro feminino, e um bosta desse entrar junto dizendo ter esse direito,* ***eu arrebento ele com tudo que tenho****.*
>
> *[SD176]: Ideologia de genero . Não luta gomtra o preconceito porra nenhuma!* ***O q querem e transformar as crianças em gays.***
>
> *[SD169]: Bravo!* ***Não precisou nem contar até três para os comentários preconceituosos surgirem****. Ô povinho das cavernas!*
>
> *[SD177] Por alguns comentários que li esse tema é mais que necessário...* ***O pior nem é falta de informação (que já é gritante), é o desrespeito e preconceito.***

Segundo Leite (2012), do ponto de vista filosófico, o preconceito é um fenômeno que se verifica quando um sujeito discrimina ou exclui o outro a partir de concepções equivocadas, oriundas de hábitos, costumes, sentimentos ou impressões. Materializados pela linguagem, o preconceito e os valores fundamentalistas contidos nos comentários acabam por vezes conduzindo à intolerância, atitude de não admitir opinião divergente ou excluir indevidamente o diferente (Bobbio, 1992). Reações explícitas violentas e agressivas a respeito da temática ou da abordagem da revista, ou ainda, comentários de leitores referindo-se a manifestações de intolerância de outros leitores sobre a temática, ilustram a incapacidade de alguns em aceitar e conviver com a diferença. O preconceito torna-se uma técnica argumentativa e a ideia desfavorável de alguns leitores em relação ao tema, por exemplo, acaba por afetar negativamente o julgamento sobre a própria revista e sua abordagem. Identifica-se uma rejeição/segregação (Foucault, 1971) por meio da demarcação entre certo e errado e normal e anormal advinda dos leitores, baseada em preconceitos que concernem à identidade de gênero e sexualidade.

Papel do jornalismo

Este grupo reúne 45 comentários de leitores que fazem menção ao papel do jornalismo, tanto questionando e desdenhando a publicação (37) quanto elogiando, parabenizando e mencionando a missão e importância do jornalismo se envolver com esses temas (8).

> *[SD021]"**Tudo que você sabe está errado" O editor é o dono da verdade é** ? Errou feio no título da matéria.*
>
> *[SD034]: Legal...tudo o que sei está errado...por acaso a revista em questão sabe o q eu sei?[...]* ***qdo uma revista "formadora" de opinião radicaliza...me questiono se vale a pena ler o q ela escreve****...[...]*
>
> *[SD040] Revista ridícula! Pega o seu tema "gênero" [...]e manda pra pqp.* ***NUNCA vou ler um lixo de revista como essa****. Aliás, a capa também está horrenda.* ***Serve para forrar a caixa de areia dos meus gatos.***
>
> *[SD060] Galileu, antes de tudo, quero parabenizar a equipe de arte por essa belíssima capa! E também aproveito a oportunidade para* ***parabenizar a equipe de reportagem que, cumprindo o dever do jornalista****, traz para discussão um tema que tem gerado tanta polêmica. A nossa função é essa mesmo. [...]*

De acordo com Lago (2010), o jornalismo exerce um papel determinante na construção e ampliação da democracia e da cidadania e sua responsabilidade social só pode se concretizar com a incorporação da alteridade como referente. A pluralidade e a responsabilidade social do jornalismo implica contemplar e incorporar o Outro, para que não se transforme em "inimigo", pela incapacidade de apreensão em sua "radical alteridade" (Lago, 2010, p. 167). A escolha da revista pela chamada de capa que interpela o leitor dizendo "tudo o que você sabe está errado" provocou inúmeras reações adversas e a antipatia dos comentaristas, que consideraram o posicionamento da revista arrogante. Ao invés de despertar a empatia em relação a esse Outro abordado na reportagem, o posicionamento da revista despertou reações adversas e questionamentos acerca do papel da revista.

As SDs acima enfatizam que, tanto nos comentários contrários (que dizem que irão deixar de ler (SD034) a revista ou forrar a caixa dos gatos com ela(SD040)), quanto nos elogiosos (que atestam que a revista está cumprindo seu dever, sendo madura, de qualidade(SD060)), a instituição jornalismo ganha centralidade na argumentação, demonstrando a consciência do leitor em relação ao contrato de comunicação[66]. A interdição (Foucault, 1971) se dá justamente na observação das normas deste contrato, visto que a revista não teria o direito de dizer tudo, não estaria autorizada a falar e delimitar o que é certo e o que é errado para os seus leitores se posicionando desta forma, tendo extrapolado o seu campo discursivo e por isso, perdendo legitimidade.

A produção da identidade e da diferença nas palavras dos leitores

Se a cultura é a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas às quais a língua recorre a fim de dar significado as coisas, o discurso da revista Galileu produz um tipo particular de conhecimento através da linguagem e da representação. Ao mesmo tempo, institucionaliza esse conhecimento, modela práticas sociais e põe novas práticas em funcionamento. Isso explica o grande número de manifestações de leitores via comentários, tanto de apoio à iniciativa quanto de reações defensivas negativas.

Os comentários de leitores que se mostram resistentes em relação à abordagem da temática pela revista e as reações conservadoras de grande parte deles ilustram a luta simbólica e discursiva travada frente à disseminação da diversidade pelos meios de comunicação. Como já dito na contextualização deste artigo, a temática da identidade de gênero esteve em pauta ao longo do ano em diversas situações, o que explica a menção a uma suposta "modinha social" (SD548) ou "modismo" (SD591) e ao "medo" que "daqui poucos anos

[66] "O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que eles estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência" (Charaudeau, 2006, p. 68).

isso ser considerado normal" (SD609) ou "medo do futuro desse mundo" (SD591) presentes na fala dos leitores.

Mais do que isso, é possível perceber os mecanismos de controle do discurso presentes nas narrativas produzidas pelos leitores. Prova disso, são as reiteradas tentativas de produção simbólica e discursiva de determinadas "verdades" em relação às identidades masculinas e femininas: "homem é homem e mulher é mulher e vcs tbm sabem disso" (SD583); "só existe XX e XY o resto é resto" (SD621); "nasceu com pênis é homem, nasceu com vagina e mulher, simples assim!!" (SD619); ou em relação a uma naturalidade religiosa que evoca "ensinamentos milenares da bíblia" (SD662) e personagens que remetem à religiosidade para regular o modo adequado, correto e normal de vivenciar a identidade de gênero: "Fico com a criação de Deus: Adão e Eva" (SD660); A identidade e a diferença são produzidas e cristalizadas discursivamente pelos leitores, que afirmam a sua identidade e enunciam a diferença ao recorrer à biologia, à ciência ou ao discurso religioso a fim de demarcar o seu posicionamento; ao questionar o caráter científico da publicação e o papel do jornalismo; ou ainda, ao desqualificar a abordagem e a própria revista como ideológica. Cabe relembrar que a interdição, a rejeição e a vontade de verdade impõem limites de circulação ao discurso, ainda que sejam independentes e exercidas fora dele.

De acordo com Silva (2012), incluir e excluir ("estes" pertencem, "aqueles" não), demarcar fronteiras ("nós" e "eles"), classificar ("bons" e "maus", "puros" e "impuros") e normalizar ("nós somos normais, eles são anormais") são as diferenciações e marcas da presença do poder que produzem a identidade e a diferença. Como relembra o autor, nessa disputa pela identidade "está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade" (Silva, 2012, p. 81). A disputa se dá entre grupos assimetricamente situados em relação ao poder. A identidade hegemônica, defendida por grande parte dos leitores, por exemplo, não faria sentido sem a

presença do Outro, visto que a definição daquilo que é considerado aceitável, desejável e natural depende da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável e antinatural. Desta forma, pode-se dizer que "a diferença é parte ativa da formação da identidade" (p. 84) e por isso precisa ser constantemente demarcada e fixada.

A abordagem da temática da identidade de gênero pela revista Galileu num contexto de hegemonia e silenciamento da grande mídia em relação ao assunto mostra que a brecha aberta para tratar de um tema de maneira contra-hegemônica pode despertar reações e interpretações em sintonia com a ideologia dominante. Por isso, a troca de mensagens não pode ser considerada de maneira isolada, sem levar-se em conta o contexto e a relação texto-leitor.

É importante compreender que, sendo a linguagem essencial para a construção e circulação do significado, tanto o discurso da revista quanto o discurso de outras mídias e dos leitores operam nessa produção, ainda que dentro de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas. Como afirma Hall (1997, p. 13), "toda a prática social depende e tem relação com o significado", ou seja, toda a prática social tem o seu caráter discursivo. Nesse contexto, a relação entre discurso, cultura e poder tem papel fundamental nesta discussão.

Por último, é preciso perceber as relações de poder que perpassam a produção da identidade e da diferença e considerar essa produção elemento ativo da cultura, constantemente criada e recriada em uma sociedade (Silva, 2012). Isso envolve a disputa de sentidos em relação à "verdades" e mapas culturais existentes e em circulação em determinado espaço-tempo. As reações adversas dos leitores à abordagem da revista Galileu – e que se repetem a cada esboço de mudança apresentado pela grande mídia[67] – ilustram essa disputa. A

[67] Temos outros exemplos ocorridos no ano passado: a matéria do programa Fantástico (Rede Globo), veiculada em agosto de 2015, que abordou as crianças transexuais, por exemplo, também teve grande repercussão e reação conservadora por parte de muitos telespectadores. O programa Profissão Repórter, também veiculado pela Rede Globo no dia

irrupção deste enunciado, ainda que isolada e momentânea, provoca a quebra na reprodução das relações de poder existentes e a possibilidade – uma brecha – de questionar e contestar a lógica dominante.

Referências

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em Jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C., BENETTI, M. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como acontecimento**. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. Jornalismo e Acontecimento. Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia n. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

DA SILVA, Marcos Antonio. **Ciência, verdade e poder**. In: Revista de Ciências Humanas e Educação. v. 11, n. 17 (2010)

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996 [1971].

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente**. São Cristovão: Editora da UFS, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da Análise do discurso**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. In: Antropologia em 1a mão, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

15 de dezembro de 2015, gerou discussões e reações adversas do público ao abordar a temática do feminismo.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa, Vega, 2ª ed., 1999.

LAGO, Cláudia. **Ensinamentos antropológicos:** a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. Brazilian Journalism Research, v. 6, n. 1, p. 156–170, 2010.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARIANI, Bethânia. **Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico**: a Revolução de 30. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

MISKOLCI, Richard. **Pânicos morais e controle social**: reflexões sobre o casamento gay. Cadernos Pagu, 28, Campinas, Unicamp, 2007.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Religião e Intolerância à Homossexualidade: tendências contemporâneas no Brasil. In: SILVA, Vagner Gonçalves. **Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n.2, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: Modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.